

VENDE DE NATAL A Venda de Natal, a mais antiga iniciativa da Paróquia para obtenção de fundos para a Igreja Paroquial, abriu as portas hoje, 25 de Novembro. Vai estar aberta até ao dia 17 de Dezembro, Domingo, com o seguinte horário:

3ª a 6ª – 11h00-1300 e 16h00-20h00

Sábado e Domingo – 11h00-20h00

Em Caselas - Depois da Missa das 10h00.

ANIVERSÁRIO DA ORDENAÇÃO DO NOSSO

PRIOR Os 40 anos da ordenação sacerdotal do Cônego José Manuel Santos Ferreira são assinalados na segunda-feira, dia 27 de Novembro, com uma missa às 19h00 no Mosteiro dos Jerónimos, a que se seguirá um jantar.

Pároco de Santa Maria de Belém desde 1994, o Cônego José Manuel Santos Ferreira passou a acumular as funções de prior de S. Francisco Xavier, por nomeação do Cardeal Patriarca, D. Manuel Clemente, em Julho de 2016, tendo entrado na Paróquia a 11 de Setembro desse ano.

ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE LEITORES Para todos os leitores das paróquias da Vigararia III, à qual pertence a Paróquia de S. Francisco Xavier, vai haver um encontro de formação, no próximo dia 10 de Dezembro, às 15h00, no Salão Paroquial de Santa Maria de Belém, (Rua dos Jerónimos, 3), dirigido pelo Sr. Pe. Pedro Lourenço.

NOVO ANO PASTORAL – No dia 03 de Dezembro, Primeiro Domingo do Advento, inicia-se o novo Ano Pastoral 2017-2018, tomando-se o leccionário dominical do Ano B.

A leitura principal do Evangelho passa a ser de São Marcos.

ENCONTROS DE FORMAÇÃO – Às quintas-feiras, às 21h30, na Paróquia de Santa Maria de Belém, Rua dos Jerónimos, 3, sob o tema “Como interpretar a Bíblia à luz da Tradição da Igreja”:

30/11: Os diversos sentidos da Sagrada Escritura

DINHEIROS PARA A IGREJA

Caixas – 32,85 €

Quiosque – 54,20 €

Donativo – 40,00 €

EVANGELHO deste domingo:

Mt 25, 31-46

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Quando o Filho do homem vier na sua glória com todos os seus Anjos, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai; recebei como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhestes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me’. Então os justos Lhe dirão: ‘Senhor, quando é que Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando é que Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou sem roupa e Te vestimos? Quando é que Te vimos doente ou na prisão e Te fomos ver?’. E o Rei lhes responderá: ‘Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes’. Dirá então aos que estiverem à sua esquerda: ‘Afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Porque tive fome e não Me destes de comer; tive sede e não Me destes de beber; era peregrino e não Me recolhestes; estava sem roupa e não Me vestistes; estive doente e na prisão e não Me fostes visitar’. Então também eles Lhe hão-de perguntar: ‘Senhor, quando é que Te vimos com fome ou com sede, peregrino ou sem roupa, doente ou na prisão, e não Te prestámos assistência?’. E Ele lhes responderá: ‘Em verdade vos digo: Quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer’. Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna».



DOMINGO

Domingo XXXIV do Tempo Comum. Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo 1 Ez 34, 11-12. 15-17; 1 Cor 15, 20-26. 28

Mt 25, 31-46

SEGUNDA-FEIRA

Dan 1, 1-6. 8-20; Lc 21, 1-4

TERÇA-FEIRA

Dan 2, 31-45; Lc 21, 5-11

QUARTA-FEIRA

Dan 5, 1-6. 13-14. 16-17. 23-28; Lc 21, 12-19

QUINTA-FEIRA

Festa de S. André, apóstolo Rom 10, 9-18; Mt 4, 18-22

SEXTA-FEIRA

Dan 7, 2-14; Lc 21, 29-33

SÁBADO

Dan 7, 15-27; Lc 21, 34-36

PRÓXIMO DOMINGO

Domingo I do Advento Is 63, 16b-17. 19b; 64, 2b-7: 1 Cor 1, 3-9 Mc 13, 33-37

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 22 (23), 1-2a.2b-3.5-6 (R. 1)

REFRÃO:

O Senhor é meu pastor: nada me faltará.

PARÓQUIA DE

SÃO FRANCISCO XAVIER

Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa

Tel: 210966989

sfxavier@paroquiasfxavier.org

www.paroquiasfxavier.org

26 de Novembro de 2017 *Cristo, Rei do Universo*

1029

Hans Memling, Cristo Rei com anjos a cantar



REI E SENHOR

O povo de Deus encontra-se entre todos os povos da Terra, já que de todos recebe os cidadãos, que o são dum reino não terreno mas celeste. Pois todos os fiéis espalhados pelo orbe comunicam com os restantes por meio do Espírito Santo. Mas, porque o reino de Cristo não é deste mundo, a Igreja, ou seja, o povo de Deus, ao implantar este reino, não subtrai coisa alguma ao bem temporal de nenhum povo, mas, pelo contrário, fomenta e assume as qualidades, as riquezas, os costumes e o modo de ser dos povos, na medida em que são bons; e, assumindo-os, purifica-os, fortalece-os e eleva-os. Este carácter de universalidade que distingue o povo de Deus é dom do Senhor; por ele, a Igreja católica tende eficaz e constantemente à recapitulação total da humanidade com todos os seus bens, sob a cabeça, Cristo, na unidade do seu Espírito. Concílio Vaticano II, Constituição sobre a Igreja, «Lumen Gentium»

I DIA MUNDIAL DOS POBRES

Papa Francisco

Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Esta frase mostra, com clareza, como estava viva nos primeiros cristãos tal preocupação. O evangelista Lucas – o autor sagrado que deu mais espaço à misericórdia do que qualquer outro – não está a fazer retórica, quando descreve a prática da partilha na primeira comunidade. Antes pelo contrário, com a sua narração, pretende falar aos fiéis de todas as gerações (e, por conseguinte, também à nossa), procurando sustentá-los no seu testemunho e incentivá-los à ação concreta a favor dos mais necessitados. E o mesmo ensinamento é dado, com igual convicção, pelo apóstolo Tiago, usando expressões fortes e incisivas na sua Carta: «Ouví, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam? Mas vós desonrais o pobre. Porventura não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? (...) De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, tratai de vos aquecer e matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta»

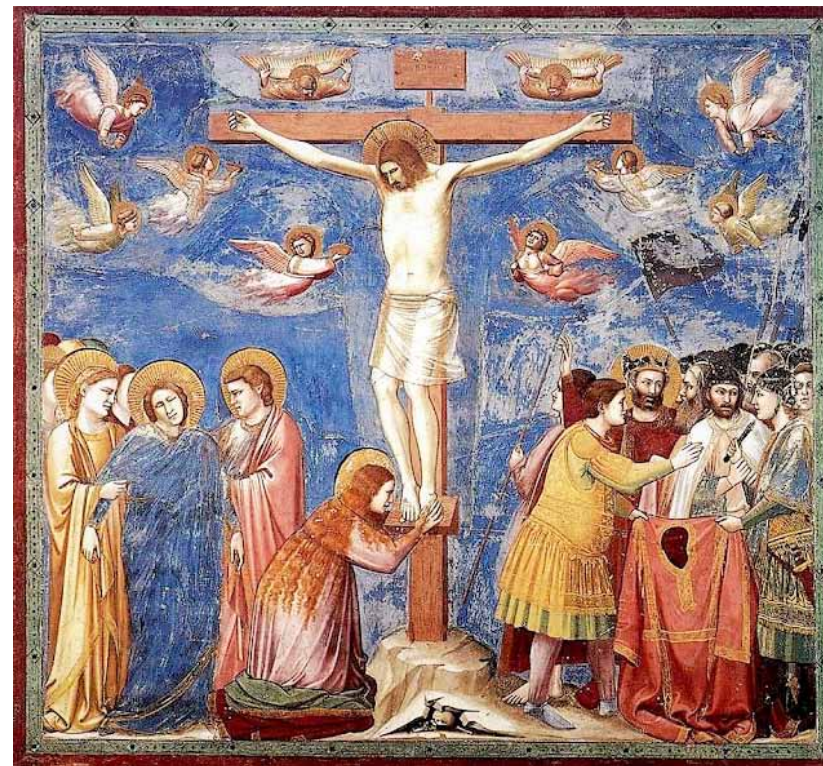
(...)Somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma.

UMA REALEZA PARADOXAL

Papa Francisco, 2016, Solenidade do Cristo Rei

A sua realeza é paradoxal: o seu trono é a cruz; a sua coroa é de espinhos; não tem um ceptro, mas põem-Lhe uma cana na mão; não usa vestidos sumptuosos, mas é privado da própria túnica; não tem anéis brilhantes nos dedos, mas as mãos trespassadas pelos pregos; não possui um tesouro, mas é vendido por trinta moedas. Verdadeiramente não é deste mundo o reino de Jesus; mas precisamente nele é que encontramos a redenção e o perdão. Porque a grandeza do seu reino não está na força segundo o mundo, mas no amor de Deus, um amor capaz de alcançar e restaurar todas as coisas. Por este amor, Cristo abaixou-Se até nós, viveu a nossa miséria humana, provou a nossa condição mais ignóbil: a injustiça, a traição, o abandono; experimentou a morte, o sepulcro, a morada dos mortos. Assim Se aventurou o nosso Rei até aos confins do universo, para abraçar e salvar todo o vivente. Não nos condenou, nem sequer nos conquistou, nunca violou a nossa liberdade, mas abriu caminho com o amor humilde, que tudo desculpa, tudo espera, tudo suporta. Unicamente este amor venceu e continua a vencer os nossos grandes adversários: o pecado, a morte, o medo. Hoje proclamamos esta vitória singular, pela qual Jesus Se tornou o Rei dos séculos, o Senhor da história: apenas com a onipotência do amor, que é a natureza de Deus, a sua própria vida, e que nunca terá fim. Jubilosamente compartilhamos a beleza de ter Jesus como nosso Rei: o seu domínio de amor transforma o pecado em graça, a morte em ressurreição, o medo em confiança.

Mas seria demasiado pouco crer que Jesus é Rei do universo e centro da história, sem fazê-Lo tornar-Se Senhor da nossa vida: tudo aquilo será vão, se não O acolhermos pessoalmente e se não acolhermos também o seu modo de reinar. (...) Podemos ser tentados a manter a distância da re-



Giotto, *Cristo no Calvário*

aleza de Jesus, não aceitando completamente o escândalo do seu amor humilde, que interpela o nosso eu e o desassossega. (...) Mas o povo santo, que tem Jesus como Rei, é chamado a seguir o seu caminho de amor concreto; a interrogar-se, diariamente, cada um para si: «Que me pede o amor, para onde me impele? Que resposta dou a Jesus com a minha vida?»

(...) Para acolher a realeza de Jesus, somos chamados (...) a fixar o olhar no Crucificado, para Lhe sermos fiéis cada vez mais. Mas, em vez disso, quantas vezes se procuraram – mesmo entre nós – as seguranças gratificantes oferecidas pelo mundo! Quantas vezes nos sentimos tentados a descer da cruz! A força de atracção que tem o poder e o sucesso pareceu um caminho mais fácil e rápido para difundir o Evangelho, esquecendo depressa como atua o reino de Deus.

(...) A misericórdia, levando-nos ao coração do Evangelho, anima-nos também a renunciar a hábitos e costumes que possam obstaculizar o serviço ao reino de Deus, a encontrar a nossa orientação apenas na realeza perene e humilde de Jesus, e não na acomodação às realidades precárias e aos poderes mutáveis de cada época.

(...) Peçamos a graça de não fechar jamais as portas da reconciliação e do perdão, mas saber ultrapassar o mal e as divergências, abrindo todas as vias possíveis de esperança. Assim como Deus acredita em nós próprios, infinitamente para além dos nossos méritos, assim também nós somos chamados a infundir esperança e a dar uma oportunidade aos outros.